

DOS VELHOS PAPEIS

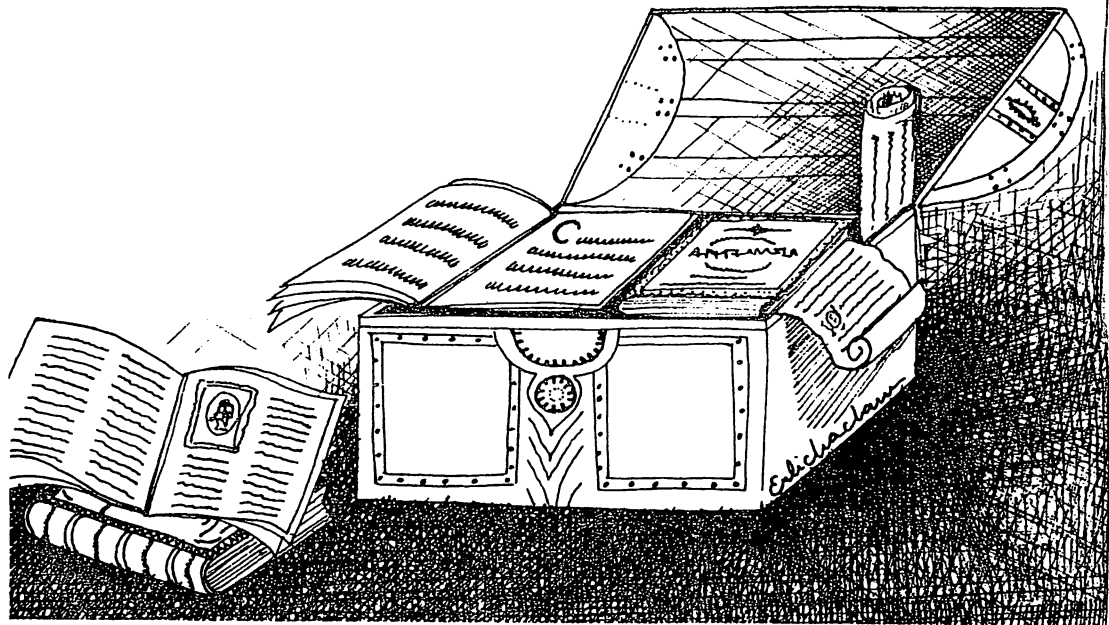
Plínio Carneiro

No salão do Correio de Minas a turma sem o que fazer, as páginas na oficina: Mitre, Gabeira, Samuel, Arantes — todos à procura de um programa comum. Daí a pouco surge a idéia, não um programa: redigir uma página do jornal com as notícias que todos gostariam ter acontecido. Cura do câncer, homem desceu na lua, Bela Vista campeão brasileiro. Eram oito cabeças a pensar, oito destinos a se movimentar. Valeu a pena, Mitre? Será que valeu?

A imagem que o espelho me devolve não é a que eu gostaria de receber. Aqui e ali as coisas mudaram, para pior. Pena que êle não reflita o eu interior que, caramba, como vem se portando diferente nos últimos tempos.

Você sabia que Calíope é a deusa da poesia épica e da eloquência; Melpone, da tragédia; Talia, na comédia; Polimnia, da poesia lírica; Erato, da poesia erótica e da elegância; Clio, da história; Terpsícore, da dança; Euterpe, da música; Urânia, da astronomia? Nem eu.

Na visita ao baú velho, um mundo de brincadeiras de criança, de rapaz, de homem quase feito. Aqui, uma carta dirigida a mim mesmo “para você meditar”; agora uma crô-



nica com os melhores e mais grandiloqüentes lugares-comuns; olha lá uma oração “pela paz de espírito” e outra contra o “egoísmo”. Eu, hem Rosa?

A cada hora que passa mais me convenço da inutilidade de ser. Ser alguma coisa, falsa ou verdadeiramente.

Da janela viu, no vai-vem da rua, um vulto recortado no asfalto. Os dois olhos preguiçosos procuraram uma sombra mais atraente que prendesse sua atenção. No rodízio dos personagens sentiu que algo interior o induzia à visão do vulto primeiro que, parado à beira da calçada, não se decidia por rumo algum. Quem será, perdida na massa impessoal e estúpida que passa sem se ver? Um sentimento de solidão se trans-

mitiu da sombra para a outra sombra à janela. Tentou alcançar ao longe uma paisagem que levasse sua atenção. Que nada. Seus olhos ficaram presos à sombra junto ao poste. Eternamente.

Jovem, diga à sua irmã que ponha mais açúcar em nossas relações, pois de amargo basta a vida.

Quem disse? “As mulheres resistem a mil propostas de mil homens diferentes, mas não resistem a mil propostas de um mesmo homem”. E quem disse também? “As mulheres fáceis são as mais difíceis”.

No colégio, cansado. Matemática, Português, Contabilidade. Saiu da sala e atravessou a rua — hoje não queria nada com os livros: foi andando. Viu que estava longe e fechou os olhos. Acenou para um ônibus qualquer. Foi vendo as casas, sentindo uma vontade esquisita de chorar, só porque êle era êle e não um outro qualquer. Desceu do ônibus quando lhe deu na telha e entrou num bar. Ali era perto da casa de uma ex-namorada, rua Limóeiros. Pediu uma batida de limão e uma cerveja. Fechou os olhos e se perdeu, veio a vontade de chorar e de se encontrar, de encontrar alguma coisa, talvez a si mesmo. Escreveu numa fôlha do colecionador “tem hora que o homem fica assim e pensa”. Parou; alguém o observava. Sentiu vergonha e fingiu que estudava. Parecia que todo mundo estava a reparar seus gestos. Era sempre assim — deve ser complexo de alguma coisa. Quebrou um copo — a vontade de chorar aumentou. Tentou. Nada. Engasgou-se com seu esforço. Olhava e não via nada. Tinha passado muito tempo. Jogou fora o que escrevera. Fêz uma bola com os papéis e atirou lá no meio da rua. Bobagem. Alguém iria achar, desembrulhar e achar graça nas bobagens escritas. Pagou a conta, não cobraram o copo. Pegou os livros e tomou um

ônibus. Foi embora, ainda sem saber o que procurava e sem conseguir chorar. Entrou no cinema para assistir um filme italiano. Engraçado à beça...

Que meus filhos sejam filhos de pais ricos...

Trem bom é coisa boa, coisa boa é bondade e bondade é o que lhe falta, ô mulher...

Água mole em pedra dura tanto bate até que molha a pedra tôda. Depois espirra longe...

Candor extinto de minha juvenildade pueril. O descontinuo estridular da vida me fêz escalar os altos cumes dúltegos das vicissitudes. O êxodo secussou meus alicerces, fêz com que o agir indouto pontilhasse minha existência. Fêz com que a onzenice dos sedentários e dos abnegados inimigos do viver pusesse na lama minhas esperanças, meus sonhos cheios de sonhos infantis. A dúbia mussitação dos achegados não trouxe calor e qual um zumbi caminhei pela veiga a fora, a procurar alhures uma alma gêmea. O que se perde não se reconquista intato; ainda e sempre haverá o estigma da passagem impura dos toques deicidas. Vamos por êste mundo torto.

Uma dúvida me faz parar: não sei se será branco ou prêto.

Uma certa moça me disse, ontem à noite, que me odiava. E começou a chorar. Eu retruquei que ela devia estar embriagada ou afastada de Deus.

Mas chore, menina. Pois quem não tem capacidade para chorar, também não a tem para odiar. Ou para amar.

Sei muito bem de onde vim, onde estou e para onde quero ir. Só não irei sozinho. Se você quiser ir comigo, bem; se não, amém.

Eu conheço este lugar. Alguma vez em minha vida eu vi este lugar. Não sei se foi em um filme, em uma revista, mas tenho a impressão que já participei deste quadro. Será que foi em sonho, em outra encarnação ?

Olhai, neném. Ontem mesmo eu joguei fora meu passado com você. Cansei-me dessa posição ansiada, dêsse constante receio, até da imagem que você me devolve quando eu consigo levantar a cabeça.

E o pobre, hem? Tem até filosofia popular. O zé povinho, depois que a tal mínima parcela de miséria o equiparou por cima e por baixo, passou a filosofar. Pobre não nasce, aparece; pobre não toma banho, descasca; pobre não almoça, engole; pobre não dança, marcha; pobre não soluça, arrotta; pobre não casa, junta; pobre não anda, tropeça; pobre não vive, vegeta; pobre não dorme, desmaia; pobre não morre, descansa.

Olhai, Bernard, como é que você foi dizer isto: “Se você não pode alcançar o que quer, agarre o que puder”.

Julgo estar compreendido que não significamos nada um para o outro, significamos em relação a nós mesmos. Passamos do individualismo para afundar em nossa própria ambi-

valência. E isto numa hora em que é muito mais importante a gente ser ajustada, muito mais do que ser super-dotada.

Ô, sô. Eu queria encher meus olhos de você, mas vi que você tem um compromisso no dedo anular.

Minha mãe tem dois olhos que me seguem onde quer que eu vá. Ma mére tem duas mãos que nunca me negaram carinhos — e logo eu, que quase nunca os provoquei, que egoísmo. Minha mãe tem o coração dêste tamanhão, que de tanto bater por mim quase parou uma porção de vêzes... Mãe, olhai, deixe que eu ocupe sempre o espaço vazio que existe sempre para mim em seus braços, vamos recuperar o tempo perdido com muitos abraços. Deixe que eu lhe passe a mão na cabeça, lhe cate cabelos brancos a trôco de um sorriso seu. Ah, mãe, a gente tem que recuperar o tempo que a gente não usou em abraços bem apertados, de cabeça em seu colo. Vê, mãe, que a gente até chora quando pensa que a gente não se beijou o suficiente.

Os burros e os gênios enchem.

De uma tez deslumbrante, vivia sua vida sem glória para morrer sem júbilo. Era esdrúxula, bamboleante, pastosa, bruxuleante. Cabisbaixa, meditabunda, taciturna, sorumbática, mefistofélica e espiroqueta. A prol dos males, andou por aí, desapercebida. Manchetes não marcavam a ausência de seu cabedal de louros, dando à sua bôca o gôsto inosso dois alijados. Sujeitos roufenhos, atrabilários e pertinazes, em estado desastroso, davam ordens sucintas a que se limitasse à sua vida hieroglífica. Mas eis que, um dia, chegou o aviso peremptório de que a morte rondava sua enxêrga: os traços fisionômicos da ceifadeira iam-se desenhando por detrás das veladas portas que batiam ininterruptamente. O proceder furtivo dos ache-

gados mostrava que a vetusta árvore iria deixar de sómbrear, simultâneamente, a ela e aos seus animais particulares. Retirou-se então à vida particular, já que não percebia a complexa comisseração do Direito. Leu Marco Polo, Antologia do Não, Queda da Juta e outros.

Casamento, alimento, aumento. Casa, asa, ca. Canto, santo, manto, lento, vento. Pensamento, passamento.

Dinheiro, di-nhei-ro; dinheiro grosso, dinheirama. Para se fazer qualche chose, il faut di-nhei-ro. Para o chôpe bem espumoso, dinheiro; para a mulher conquistar, dinheiro, di-nhei-ro, dinheirama. Eu preciso de dinheiro, preciso muito. Para tudo, para o sonho, pelo sonho, preciso muito de. Alguém tem algum para me dar? Não tenho e nem acho dinheiro na rua. Tô numa necessidade única de dinheiro; para até sair daqui preciso de dinheiro; ir ver a mulher amada, dinheiro. O ônibus me cobra, o garçon me cobra (se eu não fôr no bar antes como é que vou arranjar peito para falar coisas bonitas, hem? hem?). Dinheiro para levar flôres, se eu fôsse de levar flôres; dinheiro para levar pelo menos meu cadáver até a amada. Onde buscar dinheiro? Na Loteria Esportiva? na porta da igreja? Onde, hem, me informe urgentemente, já que preciso, rápido, de uma parcelinha à toa de dinheiro, de um dinheirinho.

Um caso muito interessante passou-se comigo hoje. Não o relato para não caceteá-los ainda mais.

O que você me diz sôbre a imortalidade da alma? E sôbre a remissão dos pecados? Sôbre a crise interna do Paquistão; sôbre a situação financeira dos aborígenes calabreses? Sôbre a influência de um galho sêco na vida social do macaco?

Se você não me der o sim, afogar-me-ei num mar de lágrimas e auto-críticas.

Bobagem a gente se sentir tolo ao contar, de bonde, as pilastras do muro do D.I., coisa que nunca consegui. São 97 pilastras ou 107? E a minha rua Extrema, extremo de um imaginário amor estrangeiro, extremo de uma infância: as brigas no adro da Igreja do Calafate. As brigas, os rôlos, as barraquinhas, a voz que cantava Cubanacã. Deitados no colo de Lêda, eu e Murilo ouvíamos o rádio do vizinho: "Ah, Pampulha, cidade moderna, que muita gente orgulha". Infância longe, tão longe que não a sinto mais aqui, perdida que foi nas desilusões que eu próprio construí — pau a pau, pedra a pedra, cimentadas pelo meu egoísmo. A bola que minha avó não me deu; eu não ter podido andar a cavalo sozinho. Pois eu já estive aqui, em sonho ou na vida real. Conheço mesmo estas frinchas na parede, embora nunca tenha passado nem por perto desta casa.

Tenho muita pena de você, Guta. Você anda dizendo que um porre seu matou um amigo e que este amigo não voltou para reclamar, gostando de ter morrido, pois morreu de cara boa. Pois no dia de sua morte tomarei minha cerveja com as lágrimas que, certamente, derramarei. Tenho pena de que você tenha que ir para o inferno, beber cerveja quente e tirar o gosto com brasas.

Uma situação azul não me conforta. Conforta-me saber que o sentimento é incolor.

Estamos justos e contratados. Você de lá e eu de cá. Um ribeirão passa no meio; você de lá dá um suspiro; eu de cá, tibum, dentro d'água.

Feliz era meu avô: não se preocupava com barulhos no céu.

Não faça isto, rapaz. Não vêes que ela é aleijada da alma?

Você vai indo, ficando, subtraindo, multiplicando, passando por cima: chega então a hora do balanço — A comparação do deve e haver, do bem somado, do mal subtraído. Aquela música era mesmo a que você queria ouvir? Aquêlê beijo tinha mesmo o gôsto que você procurava? Aquêlê tudo era mesmo tudo ou era apenas um nada com boa aparência?

Hora de balanço não é fim da vida, é apenas hora de se pensar se valeu a pena o desdém, o orgulho, a ensimesmice — êsse egoísmo que sempre afasta os que mais confiam em você. Balanço de quê? se você não precisa prestar contas aqui, o compromisso de acertar os ponteiros lá no alto o exime de colocar na mesa os fatos amealhados na triste vida terrena?

Você conseguiu mesmo aquêlê brinquedo?, aquela independência não era, no fundo, uma dependência?; e como é mesmo que ficou aquêlê adeus, saudades maiores e menores? E as faltas para com você mesmo? Como é que ficam? Em que lado? No deve ou no haver?.

Hora de balanço é hora de fim de tempo, prestar contas ao fisco pessoal, ver se é assim mesmo que você queria, ver onde houve falhas e acertos — no fim dá tudo no mesmo: o saldo credor ou devedor cai em exercício findo e de nada vai servir para você continuar ou mudar.